

A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40

Silvana Vilodre Goellner*

Resumo

Este texto diz sobre Educação Física e imagens de feminilidade. Diz, mais particularmente, sobre as práticas corporais e esportivas e a visibilidade do corpo feminino no início deste século. Diz de algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira deste tempo, cujas conseqüências, ao mesmo tempo que possibilitam a exibição do corpo feminino promovem, também, estratégias para seu ocultamento.

Abstract

This text is about Physical Education and images of femininity. More specifically, it refers to the corporal and sportive practices, as well as to the visibility of the feminine body in the 30th and 40th of this century. It discloses some political, economical and cultural modifications in the Brazilian society at that period, which had the consequence of making permissible the exhibition of the feminine body, while, at the same time, promoting strategies for its hiding.

A construção de imagens de feminilidade como possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento femininos aparece em diferentes espaços e tempos, sob diferentes formas, estratégias e discursos.

A idéia de uma essência feminina voltada para a submissão, a passividade, o sacrifício

e a maternidade, por exemplo, que desde o final do século XVIII faz parte do discurso e das práticas da medicina, adquire outras representações nos séculos XIX e XX frente as novas responsabilidades atribuídas às mães e à família nuclear.

Dentro deste jogo de representações, a imagem da mulher maternal que é feminina e bem comportada contrapõe-se a da histérica, da masoquista, da prostituta ou da frígida, cujo jeito de ser precisa de correção e controle, uma vez que representa a vivência de uma sexualidade equivocada, por conseguinte, patologizada. Diferentes métodos que buscam curar estas anomalias vão sendo experimentados ao longo do tempo, como por exemplo, o uso de medicamentos, eletrochoques, duchas frias, dietas pouco estimulantes, camisa de força e, em alguns casos, intervenções cirúrgicas como a clitoridectomia e a ovariectomia.

No Brasil dos anos 30 as de imagens de feminilidade estão relacionadas com a construção da representação da mulher-mãe. Ou seja, aquela que tem na maternidade a sua mais nobre missão.

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação. Razão pela qual a mulher solteira, ainda que não considerada tão anormal quanto a histérica e a prostituta, por exemplo, merece atenção e cuidado visto que ao não cumprir sua função social, pode, também, vivenciar de forma equivocada a sua sexualidade porque celibatária ou excessiva.

Além disto, a mulher sem par (por opção ou por não conseguir marido) ameaça a representação dominante de feminilidade e, também, a ordem social, uma vez que para garantir sua existência, concorre com os homens no mercado de empregos.¹ Concorrência esta que, não raras vezes, aparece permeada por insinuações e preconceitos quando, por exemplo, a estas mulheres são coladas representações que combinam elementos presentes nas estereotípias

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação.

da lésbica, da solteirona feiosa e da feminista histórica.²

O temor que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos à vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao "outro". Sendo este "outro" abstrato, coletivo e socialmente imposto.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos à vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao "outro". Sendo este "outro" abstrato, coletivo e socialmente imposto.

O corpo feminino, observado como algo a ser manipulado, construído, vigiado e modificado passa a ser alvo de diferentes intervenções, dentre as quais a sua exercitação, uma vez que, as práticas corporais e esportivas são identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e libertam os instintos trazendo-os à flor da pele. Estas práticas, apesar de serem incentivadas, são sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como "normais" ao organismo e ao comportamento femininos.

É nesse cenário que a Educação Física, enquanto área de intervenção profissional vai colaborar com o projeto de engrandecimento nacional ao agir sobre corpos que precisam ser educados.

A partir dos anos 30, o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, identificando a Educação Física e o esporte como espaços de intervenção na educação dos cidadãos, no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.

O temor à degenerescência da raça e a necessidade de fortalecer a da força produtiva, fator importante para o desenvolvimento da eco-

nomia nacional, evocam um maior controle sobre o corpo, objetivando resguardar e canalizar suas energias. Nesse sentido, movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento, pois sobre ele depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção.

No tocante à mulher, há tanto o incentivo como a repressão no que diz respeito a sua vida individual e social na medida em que mesclam-se diferentes conselhos, prescrições e recomendações ora impulsionando-a a transgredir determinados códigos sociais e sexuais tomados como naturais, ora cerceando possíveis ousadias.

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artificios estéticos, por exemplo, são identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproxima do universo da desonra e da prostituição.

Discursos progressistas e moralistas recheiam com entusiasmo e emoção as publicações específicas da Educação Física, seduzindo e desafiando mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando e criticando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades.

Se, por um lado, criticam a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas, o confinamento no lar, por outro, cerceiam possíveis atrevimentos. Afirmam um discurso voltado para a produção da "nova mulher": moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a representação construída desta "nova mulher" traz poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina na medida em que, suas "conquistas" devem estar ajustadas aos seus deveres. De outro jeito: precisa ousar sem com isso, esquecer de preservar suas virtudes, suas caracterís-

ticas gráceis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Não podemos esquecer que nas primeiras décadas deste século, acelera-se o processo de modernização do país, cujo declínio da produção agrária, em andamento desde meados do século XIX e, em especial, depois da abolição da mão de obra escrava, torna-se fator decisivo para a hipertrofia urbana. As cidades, que outrora tinham sido complementos do mundo rural, adquirem vida própria e primazia transformando os centros rurais em "colônias" a fornecer os subsídios para seu abastecimento.³

A urgência de civilizar o país, modernizá-lo, espelhá-lo nas potências industriais e inseri-lo no mercado de capitais redefine hábitos, atitudes e comportamentos de homens e de mulheres na medida em modificam-se, também, a oferta de serviços e produtos, as possibilidades de trabalho e de divertimento.

A família patriarcal rural, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, reestrutura-se diante das novas demandas remodelando a imagem da mulher visto que está a se forjar uma outra mentalidade - a burguesa⁴ - reorganizadora das vivências sociais, familiares e domésticas, do tempo e da atividade feminina, do cuidado com o corpo e com a saúde.

A educação da mulher, o mercado de trabalho feminino, a redefinição do papel social das esposas se por um lado, são necessários a esta nova organização social, por outro, são consideradas como uma ameaça ao núcleo familiar. Teme-se, sobretudo, a dissolução da família, considerada como responsável pela manutenção da ordem social e pela educação da infância, potencial a ser desenvolvido para o enriquecimento da nação. Assim, sob a tutela da eugenia, entendida neste período como uma ciência e como um movimento social, reforça-se a idéia do casamento e da reprodução como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

A ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os banho de mar, os passeios ciclísticos, as caminhadas, à exposição do corpo ao sol, os cinemas, o "footing", os saraus, os desfiles de moda, os concursos de beleza, as viagens, a patinação, o corso, conduzir o automóvel e a motocicleta, ao lado de outras práticas de lazer e divertimento, desenham o elenco das novas necessidades sociais, ao mesmo tempo que potencializam a visibilidade das mulheres no espaço urbano. São práticas incentivadas pela Educação Física e ao mesmo tempo colocadas em suspeição, visto que poderiam, se mal realizadas, romper com determinadas regras sociais e sexuais tomadas como naturais. E, por esse motivo, ameaçar a família nuclear urbana.

No campo das atividades corporais e esportivas são muitas as tentações. As ruas exibem novidades e convocam a população para desfrutar de seus prazeres: as máquinas se diversificam e tornam-se mais audaciosas. Os automóveis, aviões, navios e barcos, a motocicleta, os dirigíveis, tornam-se desafios a serem dominados pela ousadia humana do mesmo modo que os esportes, além de representarem uma acessível opção de divertimento, cumprem uma função de destruição da rotina, tanto porque provocam uma excitação agradável, como porque afirmam-se como um dos principais meios de identificação coletiva.⁵

Ainda que a prática esportiva feminina não seja novidade neste tempo⁶, as mulheres não se eximem de ampliar e diversificar sua participação em competições, apesar de constituírem um número bem menor se comparada aos homens. Turfe, remo, natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, arco e flecha, voleibol, basquetebol, ginástica e ciclismo, são algumas das modalidades que, inicialmente, registram o maior número de atletas mulheres.

Essa participação não se dá sem causar certo desconforto em determinados setores da sociedade brasileira, notadamente os mais conservadores visto que tensiona uma imagem idealizada do ser feminina.

O suor excessivo, o esforço físico, as

Assim, sob a tutela da eugenia, entendida neste período como uma ciência e como um movimento social, reforça-se a idéia do casamento e da reprodução como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, a ousadia de caráter, os perigos das lesões, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física despertam suspeitas porque parecem abrandar certos limites que contornam o ideal dominante de feminilidade

Além disso, há que se considerar que o esporte contém um forte componente emocional ao mexer com sentimentos nem sempre passíveis de serem controlados. Sua dimensão aventureira, mobiliza paixões e energias tanto em quem pratica como em quem observa e assiste, despertando sensações e desejos. Pletora de emoções que deleitam e assustam, algumas vezes, desestabilizando o que haveria de estabilizar.

O caráter de imprevisibilidade inerente à prática esportiva permite interpretações distintas com relação à participação feminina, oscilando entre a proibição e o irrestrito apoio. Afinal, uma questão bem específica está em jogo: é necessário o fortalecimento do corpo da "nova mulher", visto que tem um papel importante a desempenhar no que tange ao engrandecimento nacional e que situa-se na garantia de uma prole sadia. No entanto, velhos preceitos e juízos morais devem ser mantidos para que assegurem determinadas regras sociais e sexuais que possam preservar a continuidade a família nuclear e da distinção de papéis sociais atribuídos, culturalmente, a homens e mulheres.

Por essa razão, as atividades físicas são incentivadas e recomendadas como importantes no cotidiano das mulheres, desde que não ameacem romper com representações dominantes de feminilidade e masculinidade e para as quais são atribuídos funções específicas.

Chamando para si a responsabilidade de prevenir a mulher contra prováveis fatores a ameaçar sua feminilidade, ou melhor, sua capacidade reprodutiva, a Educação Física exaspera não só a prática de determinadas modalidades esportivas, consideradas violentas para o corpo da mulher, como também desaconselha o uso de artifícios estéticos para modelar o seu corpo, como, por exemplo, o espartilho. Este acesso-

rio, ao "modelar" o corpo feminino e corrigir assimetrias, decompõe sua forma e prejudica sua capacidade de reprodução. Razão pela qual, não mais parece fazer parte do tempo presente e sim de um passado longínquo e obsoleto.

Para a mulher feminina e mãe, a beleza é sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas. Razão pela qual, os exercícios físicos e os esportes recomendados devem atentar para que, na sua execução, os ovários sejam preservados de choques consecutivos, o útero esteja bem conformado, a bacia possa ser alargada para facilitar o parto e a região pélvica seja bem desenvolvida, possibilitando abrigar uma vida em formação.

Recorrendo a argumentos científicos advindos das ciências biológicas, essas orientações, imprimem, no corpo da mulher, padrões de comportamento que acabam por encobrir uma dimensão que é ideológica e que naturaliza a vocação feminina para a procriação.

O texto "As formas femininas e a Educação Física: a moda social e a moda biológica", publicada na Revista Educação Física⁷, em 1939, fornece elementos para nossa reflexão:

"(...) A moda social é muitas vezes apenas uma consolidação da moda estatístico-biológica. A mulher moderna procura a tendência masculina, porque biologicamente, morfológicamente, psicologicamente ela está tomando essa orientação. Trabalhando como o homem, intoxicando-se como o homem (fumo, álcool), tendo emoções semelhantes às do homem, praticando o *birth-control*, a mulher atrofia as suas funções ovarianas, modifica o funcionamento de outras glândulas e toda a sua fisionomia diferencial sexual, tendendo a distinguir-se menos. (...)

Crispolti, analisando as bases fisiológicas da educação física na mulher, diz que, para avaliar qual deve ser a sua atividade esportiva, se deve ter em conta, além da constituição, a idade, a profissão, a robustez e também o fator sexual. O esporte violento é sempre pernicioso para a mulher, não só pelas alterações que pode produzir nas funções circulatória e renais, como também pelas perturbações estáticas que um esforço excessivo pode provocar na esfera genital. (...) Por outro lado, são preferíveis na mulher os exercícios que desenvolvem e modelam harmoniosamente a metade inferior, que favorecem sobretudo as naturais inflexões da

Chamando para si a responsabilidade de prevenir a mulher contra prováveis fatores a ameaçar sua feminilidade, ou melhor, sua capacidade reprodutiva, a Educação Física exaspera não só a prática de determinadas modalidades esportivas, consideradas violentas para o corpo da mulher, como também desaconselha o uso de artifícios estéticos para modelar o seu corpo, como, por exemplo, o espartilho.

região lombar e dos flancos, que exercitam os movimentos rítmicos da bacia e dos membros inferiores. Segundo Pende, para a educação desta região, que é a mais sexual e a mais feminina - nada melhor do que a dança, o mais natural de todos os exercícios esportivos, sobretudo os tipos de dança que combinam as vantagens dos movimentos lentos e rítmicos com a graça, cheia de pensamento".⁸

Se o futebol e o boxe, por exemplo são recomendados para os homens porque atestam sua virilidade, a ginástica e a dança são as práticas corporais sugeridas às mulheres pois ao reforçarem a graça, o encanto - atributos do feminino - evitam sua masculinização. Termo esse que sugere não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres mas também na e da sua aparência: julga-se o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo.

Para movimentar essa idéia recorro à dois textos que analisam a sociedade e a cultura paulistana dos anos vinte. Ambos, apesar de não trabalharem especificamente com o tema das práticas corporais e esportivas, ao mencioná-las, abordam a questão do temor à masculinização da mulher que participa ativamente do universo da cultura física.

Nicolau Sevchenko ao identificar a influência do esporte na construção de um sentido de coletividade fornece alguns exemplos de como as modificações no modo de vestir feminino causaram impacto neste tempo onde o esporte torna-se moda e a moda adquire contornos esportivos. Escreve:

"O grande espanto e o escândalo galopante, porém, iria ocorrer, como se podia esperar, com a mudança dos hábitos e trajes femininos. Num mundo até então polarizado quase exclusivamente em torno da figura masculina, as moças aderiam, com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos, delicias com os ares de independência e voluntariedade que eles conotavam, desencadeando assim uma comoção que atravessou a década. Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, encheiros, agregados de roupas brancas, perucas, armações e anquinhas; o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem".

Já Mônica Raisa Schpun, no seu livro "Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20", refere-se a esse tema trazendo como exemplo alguns comentários publicados no jornal Sports sobre a francesa Suzanne Lenglen (1899-1938), jogadora de tênis considerada, na época, como a melhor atleta do mundo nesta modalidade esportiva. Por ser uma atleta excepcional, algumas opiniões publicadas não se eximiam de sugerir, por exemplo, que ela não deveria disputar uma partida com homens por poder derrotá-los e assim infringir as leis da natureza ou, ainda, que suas atitudes ao jogar eram másculas. Vejamos:

"O embaraço faz-se então presente logo que as mulheres tomam gosto pelo esporte e mostram-se fortes demais. Agindo desse modo, elas minam o fundamento mesmo dos discursos sobre as diferenças naturais entre os sexos, nos quais sua fragilidade e sua 'graça' determinam suas capacidades, seus talentos e suas inclinações. Nessa lógica, firmemente construída, defendida e difundida, o exemplo de alguém como Suzanne Lenglen é obrigatoriamente perturbador".¹⁰

O aumento excessivo de determinadas massas musculares das mulheres atletas ou praticantes de esportes, por exemplo, é censurado porque destituído de graça e harmonia. Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem. Ou ainda, um homem pela metade.¹¹

Quando a identidade sexual de determinadas mulheres atletas é colocada em dúvida, tomando como base suas características biológico-genitais, há uma depreciação não apenas da aparência corporal da mulher como também da sua própria sexualidade. Isto é, do modo como vivência seus desejos, seus amores e seus prazeres. A sexualidade é fixada a partir de um

Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo.

modelo tradicional de feminilidade, tornando-se algo impossível de ser transformado. Como se a sexualidade, de fato, fosse um substantivo exclusivamente singular.

A aparência do corpo da mulher, quando relacionada a sua suposta masculinização, dissimula um preconceito que advém da desigualdade atribuída aos diferentes sexos no que tange à sua participação na prática esportiva. Afirmação essa que pode ser identificada quando explícita o receio de que a mulher atleta se torne uma virago, uma brutamontes ou uma mulher-homem. E, também, embora muito implicitamente, a condenação e reprovação de uma suposta vivência homossexual, censurando, portanto, o exercício de suas fantasias, a forma como sente seu corpo e o sentido que atribui à orientação do seu desejo sexual.

Apoiando-se na heterossexualidade e na maternidade como norma, esse discurso faz da identidade sexual da mulher algo fixo, impenetrável, que traz em si formas rígidas de ser e de vivenciar suas experiências sexuais, associando a sexualidade à reprodução. Esse modelo, ao ser assumido como dominante, não só restringe suas opções quanto ao exercício pleno e maduro da sua sexualidade como também a naturaliza, visto que a apriõna aos aspectos biológicos do corpo.

A normatização da sexualidade feminina, de certa forma, relaciona-se com o temor através do qual se observa a construção dessa figura da "nova mulher". Esta, ao procurar oportunidades para seu desenvolvimento pessoal fora do casamento, pode provocar um desgoverno social e sexual e, assim, desestabilizar o que se aceita como derivado da natureza humana. Hostilidade e medo fazem com que a medicina e a ciência (e a Educação Física que é fortemente influenciada por ambas) disseminem advertências esclarecendo que ambições deste porte poderiam resultar em doenças, comportamento aberrante, esterilidade e degeneração racial.¹²

Para Nanci Cott:

"O espectro das mulheres independentes, satisfeitas com as outras e pelas outras, perpassa

muitos trabalhos no contexto das ciências sociais. Uma certa ansiedade cultural quanto à possibilidade de as mulheres fugirem ao controle dos homens ganhou credibilidade a partir das proezas dignas de notícia de mulheres sós, nas artes, no espetáculo, no desporto e em atividades profissionais - bem como em organizações cívicas e sufragistas. Dado que se admitia agora que as pulsões eróticas são tão importantes para a natureza feminina como para a masculina - e valorizadas independentemente da reprodução, - as relações entre mulheres pareciam competir com as ligações heterossexuais e eram suspeitas assim de ser uma ameaça à ordem sexual e social vigentes".¹³

Virtuosas ou profanas, as mulheres são julgadas conforme sua adequação ou não ao modelo de conduta sexual que torna a maternidade e a heterossexualidade obrigatórias. Negando o desejo feminino e restringindo a diversificação e quantidade de experiências sexuais, este modelo culturalmente construído, imprime na sexualidade feminina uma tensão entre o perigo e o prazer pois, ao mesmo tempo que não se traduz em uma experiência restrita à subordinação ao poder masculino, não é também uma experiência de completa satisfação. Afinal, ao incorporarem uma representação que vê a sexualidade como algo singular, incorporaram o medo de viver os próprios desejos, de perder os limites do corpo e de acreditar que suas fantasias são inadequadas. Enfim, de vivenciar com plenitude experiências sexuais que podem ser muito ricas e libertadoras.

Outra vez, a necessidade de no corpo e pelo corpo cercear possíveis ousadias femininas uma vez que, uma vez experimentadas e aprovadas, podem desenhar sobre a imagem idealizada do ser feminina outros contornos.

Nem viragos, nem lindas flores débeis de estufa diz a Educação Física. Nem excesso de competição nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza. Se é, portanto, necessária a exercitação do corpo da mulher que seja realizada de forma a que estejam garantidas as características que asseguram seu jeito feminino de ser.

A dança é amplamente recomendada às

Virtuosas ou profanas, as mulheres são julgadas conforme sua adequação ou não ao modelo de conduta sexual que torna a maternidade e a heterossexualidade obrigatórias.

mulheres, sendo considerada como a atividade corporal que melhor reúne predicados que celebram a sua feminilidade. Associada à beleza, à sensibilidade e a uma imaginada e idealizada pureza da alma feminina, diz-se que é na dança e pela dança que mulher vivência, pela leveza de gestos e movimentos, o exercício de diferentes sensações corpóreas.

Dançar é mais que desfrutar um deleite estético: é vibrar o corpo em sua plenitude, das vísceras aos músculos e à epiderme; é dilatar a criatividade e a afetividade, ao exprimir, com intensidade, vínculos com a natureza, suas forças e seus elementos, com a sociedade, com o trabalho, com o lazer e com as crenças e os mitos religiosos. Dançar é, também, movimentar desejos ligados ao exercício da sexualidade, despertando e sublimando os instintos e o apetite sexual.

Como uma arte de caráter feminino, portanto, própria para as mulheres, a dança é recomendada porque proporciona a descontração dos movimentos, o relaxamento dos músculos, a flexibilidade do corpo, a explosão das emoções, a graça dos gestos, enfim, a experiência de diferentes sensações que traduzem liberdades corporais e expressivas contrárias à qualquer indício de rigidez.

Para além destas qualidades, é necessário e pensar que a dança pode atuar, também, na direção direção contrária: repressar e controlar não os movimentos da mulher que dança, mas o que está para além deles, no íntimo de sua subjetividade: a impetuosidade das paixões, a energia sexual, os impulsos eróticos e a lascívia.

Diz um dos primeiros livros a tratar exclusivamente da Educação Física feminina: "A dança, ato de grande significação sexual, representa um grande derivativo para o libido, sendo pois um elemento de profilaxia das neuroses".¹⁴

Neurose, histeria e loucura, há muito aparecem associados aos instintos sexuais da mulher e à possível perversão decorrente do seu descontrolo, seja pela ausência seja pelo excesso de práticas sexuais. Sob a tutela de diferentes saberes, o corpo e o psiquismo feminino, foram alvo de dis-

tintas intervenções, reprimindo e/ou reconhecendo a necessidade do prazer. Em inúmeros estudos do final do século XIX e início deste,

"partia-se do princípio de que, por natureza, na mulher o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria, inevitavelmente, *anormal*. Entretanto, a ausência do desejo e do prazer, que muitas vezes poderia provocar na mulher a repulsa pelo ato sexual, não deveria conduzi-la à recusa desse mesmo ato, pois impediria de se realizar com a maternidade. Mais do que a razão de ser de sua existência, ser mãe era considerado, mesmo pelos adeptos da frigidez natural feminina, a única via para salvar a mulher do perigo, sempre iminente, de cair no pântano insondável das doenças, cujas origens e efeitos eram caracterizados pelo entrelaçamento de elementos físicos, psíquicos e morais".¹⁵

Sendo a finalidade reprodutora a nobre função da relação sexual, a masturbação, o homossexualismo, o coito interrompido, o sadomasoquismo, o sexo fora do casamento, o amor livre, e o celibato figuram como "desvios da sexualidade feminina", merecendo atenção e controle, terreno fértil para a intervenção das práticas corporais e esportivas.

Razão pela qual proliferam técnicas e estratégias de autoconhecimento e autocontrole que consistem não na restrição a sua movimentação mas, exatamente, no seu contrário: através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesmo.

A dança, apesar de possibilitar a criatividade e auto-expressão, também cumpre essa função de censura, dissimulando práticas disciplinares que se contrapõem à plena liberdade da sexualidade feminina. Seus rituais reclamam determinadas formalidades que estruturam hierarquias e disciplinas que buscam restringir e sublimar o despertar de possíveis impulsos sexuais. Sozinha ou em companhia de outras, a mulher aprende a cultivar qualidades inerentes ao ser feminino, como a graça, a beleza, a delicadeza ao mesmo tempo que aprimora a saúde e a harmonia das formas corporais.

Afinal, feminilidade pressupõe beleza e saúde, ainda que sejam diversas as suas repre-

A dança, apesar de possibilitar a criatividade e auto-expressão, também cumpre essa função de censura, dissimulando práticas disciplinares que se contrapõem à plena liberdade da sexualidade feminina.

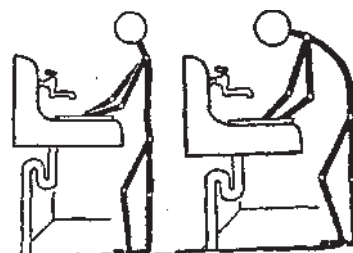
sentações. Pressupõe, sobretudo, a garantia do que culturalmente foi colado à imagem da mulher: a retidão do seu comportamento, a pureza da sua alma e a beleza do seu corpo.

Outra atividade que a Educação Física recomenda para a mulher é a ginástica. Não todo e qualquer método ginástico mas aqueles que podem ser aproximados e que reafirmam o universo feminino, da beleza, do encanto, da harmonia das formas, da delicadeza e, por que não dizer, do recato. Afinal, para ser praticada, a execução ginástica não exige materiais nem vestes muito específicos. Pode ser feita individualmente, a qualquer momento, sem que os minutos a ela dedicados atrapalhem a execução de todas as tarefas que a mulher desempenha no recôndito do lar, favorecendo, inclusive, sua permanência neste espaço identificado como de seu domínio. Acrescenta-se a esses aspectos, o fato de que a ginástica, ao contrário de muitos esportes, é desprovida do caráter competitivo, observado, nesse tempo, como prejudicial à formação da personalidade feminina.¹⁶

Ainda que exista o incentivo para que as mulheres a exercitem seus corpos no espaço público, ao sol, junto ao mar, o espaço doméstico é dignificado. Dentro dos limites da própria casa, a mulher não só é incentivada a praticar ginástica como também a otimizar o seu desempenho naquelas tarefas que lá acontecem, seja pela organização do seu tempo e o correto planejamento do trabalho que deve realizar como também pela indicação de como fazê-lo sem prejudicar nem sua saúde, nem sua beleza.

Vejamos as instruções do artigo "A posição do corpo nos afazeres domésticos", publicado em 1938:

À direita -
postura correta;
à esquerda -
errada



"Cumpra admitir que o labor de uma dona de casa é múltiplo, já que na maioria dos casos deve desempenhar ao mesmo tempo a função de administrador, contador, comprador, cozinheira, mucama, lava-pratos, atriz, "nurse", telefonista, conselheira e inspetor de gastos de tempo, dinheiro e energia. Para chegar a ser realmente eficaz e manter ao mesmo tempo sua saúde, faz planos naturalmente, e calcula os gastos e economias de diversa índole a efetuar no mês. Porém, as mais das vezes descuida o pormenor importantíssimo da distribuição equitativa do tempo de trabalho e de descanso. Isto traz como consequência o cansaço, as dores em diversas partes do corpo, e o mau humor. É fácil remediar tudo isto, si se sabe planejar a forma em que hão de executar-se os labores de todos os dias e se sujeita a esse plano com entusiasmo. (...) COMO EVITAR A FADIGA: entre as tarefas que incluem a posição de pé, podemos contar as de varrer, lustrar o assoalho, encerá-lo, passar o aspirador de pó, etc. As tarefas em que o corpo se curva são as de sacudir o pó, cozinhar e levantar objetos do chão. Todas essas implicam inclinar-se ou estirar-se dos movimentos que consomem muita energia. Como fazê-los com o mínimo de fadiga? Praticamente todos estes trabalhos se relacionam com alturas apropriadas a que se situam as mãos, a cintura, etc. Os lugares em que se efetua o trabalho são, geralmente, a pia de lavar, a mesa da cozinha, o fogão, o forno, etc. A melhor maneira de encontrar a posição justa de trabalho para o corpo, é colocar-se de modo que a tarefa não requeira em nenhum momento nem agachar-se nem estirar-se de mais. Cada serviço necessita uma altura determinada para as mãos, os ombros, a cintura.

USE SEU CORPO COM PROPRIEDADE: aprenda a usar seus músculos corretamente. Eliminando quanto possível o ato de inclinar-se, tanto sobre o solo como diante das mesas e outras superfícies de trabalho, usará a senhora os músculos dos braços em vez de usar os dos ombros. Ao ir ao mercado fazer compras carrega a cesta à altura dos joelhos, e logo notará os benefícios. Empregue os músculos das coxas e cadeiras ao transportar uma bacia de roupa lavada. Quando estiver de pé, sacudindo o pó, ou pondo e tirando cousas do forno, ou ao levantar objetos do chão, faça-o sempre dobrando os joelhos, e assim sentirá menos fadiga depois."¹⁷

Através da sua intervenção (na educação formal, nos espaços de lazer e de trabalho, nas publicações específicas, nos clubes esportivos, na elaboração de leis e políticas públicas, entre outras) a Educação Física, subsidiada pelo saber médico e pela ciências biológicas, atua no sentido de preservar os papéis sociais tidos como naturais para um e outro sexo.

Motivo pelo qual, a masculinização feminina é relacionada, também, às conquistas e às reivindicações advindas do movimento feminista, como por exemplo, a liberdade de ir e vir, de escolher o marido ou o não casamento, de exercer uma profissão, de votar, de competir em iguais condições com os homens no mercado de trabalho, etc. Atitudes estas que representam transgressões ao conservadorismo pois rompem com algumas ações designadas como próprias do seu sexo e que, quando ultrapassadas, além de censuradas passam a ser vistas como próprias dos homens. E por isso são criticadas.

Afinal, "Que lar se pode ter, que família educar, quando se acha ausente a mãe durante parte do dia?"¹⁸

Dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado não representa possibilidade de emancipação individual e social das mulheres. Nem mesmo a desobriga das rotineiras atividades que realiza no espaço íntimo do lar e da família. Quando apresentado dentro dessa perspectiva, o termo "feminismo", antes de representar o movimento de luta de determinados grupos de mulheres que procuram exercer seus direitos de cidadãs, refere-se tão somente à reafirmação daquelas características que prendem as mulheres aos domínios de sua natureza e que consolidam uma representação tradicional de femininidade.

As palavras de Theodor Adorno ajudam a pensar sobre o significado dessa representação:

"O caráter feminino e o ideal de femininidade segundo o qual é modelado são produtos da sociedade masculina. A imagem da natureza não deformada emerge apenas com a deformação como o seu contrário. Quando pretende ser humana, a sociedade masculina cultiva de maneira soberana nas mulheres seu próprio corretivo, mostrando-se na ação de limitar como um senhor implacável. O caráter feminino é como uma cópia calcada no positivo da dominação, e é por isso tão mau quanto esta última. Aliás, tudo o que a palavra natureza designa no contexto da cegueira burguesa não passa de uma chaga da mutilação social. Se é correto o teorema psica-

nalítico de que as mulheres experimentam sua constituição física como a consequência de uma castração, então em sua neurose elas pressentem a verdade. A mulher que se sente como uma ferida, quando sangra, sabe mais a seu próprio respeito do que aquela que se imagina como uma flor porque isso convém ao seu marido. A mentira não consiste somente no fato de que a natureza seja afirmada onde ela é tolerada e implantada, mas o que na civilização passa por natureza e é por sua própria substância o mais afastado de toda natureza, a transformação pura e simples de si mesmo em objeto. Essa espécie de femininidade que apela ao instinto é sempre aquilo mesmo que a cada mulher, com toda a violência - violência masculina -, tem que se constringer a ser: as fêmeas são os homenzinhos. Basta ter notado, movidas pelo ciúme, como essas mulheres femininas dispõem de sua femininidade, como a utilizam quando preciso, como fazem cintilar os olhos, como sabem servir-se de seu temperamento, para saber que isso tem algo a ver com o inconsciente tão bem guardado, intocado pelo intelecto. Sua pureza intacta é justamente uma obra do Eu, da censura, do intelecto, e é por isso que ela se encaixa de maneira tão pouco conflituosa no princípio da realidade da ordem racional. Sem exceção, as naturezas femininas se conformam. Que a insistência de Nietzsche tenha estancado diante delas, adotado sem exame prévio e sem experiência a imagem da natureza feminina criada pela civilização cristã - da qual desconfiava de um modo tão fundamental - acabou, apesar de tudo, por submeter seu esforço intelectual à sociedade burguesa. Ele sucumbiu à vertigem de dizer "a fêmea", ao falar das mulheres. Daí o conselho pérfido para não esquecer o açoitado: a própria fêmea já é o efeito do açoitado. Libertação da natureza seria abolir sua autopoiesis. A glorificação do caráter feminino implica a humilhação de todas aquelas que o possuem".¹⁹

Por certo, as imagens de mulher que a Educação Física contribui para construir são imagens femininas. Não porque registram/retratam mulheres mas porque são construídas a partir de um olhar recheado de convenções e para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Mínima Moralía*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- BERARDINELLI, W. As formas femininas e a Educação Física: a moda social e a moda biológica. *Revista Educação Física*. (28), março/abril de 1939, p. 14-15.

Por certo, as imagens de mulher que a Educação Física contribui para construir são imagens femininas. Não porque registram/ retratam mulheres mas porque são construídas a partir de um olhar recheado de convenções e para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural.

- COTT, Nanci F. A mulher moderna. O estilo americano dos anos vinte. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente: o século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: In: PIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *Imagens da mulher*. Porto: Edições Afrontamento, 1992.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 7ª edição.
- NUNES, Silvia Alexim. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In: BRUSCHINI, Cristina e HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- RANGEL SOBRINHO, Orlando. *Educação Physica Feminina*. Rio de Janeiro: Typografica do Patronato, 1930.
- REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, n.º 45 agosto de 1940, p. 14.
- REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, n.º 54, maio de 1941, pp. 34-35.
- SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.) *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1990.
- 4 D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa, pp. 223.
- 5 Elias, Norbert e Dunning, Eric. *A busca da excitação*, pp. 322-323.
- 6 No Brasil, já no final do século XIX é possível observar atletas femininas competindo, principalmente, em provas de turfe, ciclismo, e atletismo.
- 7 A "Revista Educação Physica" foi o primeiro periódico específico da área de Educação Física. Publicada no Rio de Janeiro, circulou entre 1932 e 1945.
- 8 BERARDINELLI W. As formas femininas e a Educação Física: a moda social e a moda biológica. *Revista Educação Physica*. (28), março/abril de 1939, p. 14-15.
- 9 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*, pp. 49-50.
- 10 SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*, p. 66.
- 11 O tema da masculinização da mulher atleta é ainda recorrente na atualidade. Um exemplo recente foi o teste ao qual foi submetida a atleta brasileira de Judô Edinanci da Silva durante os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, para comprovar sua feminilidade biológica, visto que sua aparência deixava dúvidas sobre o fato de ser uma mulher.
- 12 SHOWALTER, Elaine, op. cit, pp. 61-63.
- 13 COTT, Nanci F. A mulher moderna. O estilo americano dos anos vinte, pp. 101-102.
- 14 SOBRINHO, Orlando Rangel. *Educação Physica Feminina*, p. 54.
- 15 ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade, p. 340-341.
- 16 SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte, p.67.
- 17 Revista Educação Physica, n.54, maio de 1941, pp. 34-35.
- 18 Revista Educação Physica, n.45, agosto de 1940, p.14.
- 19 ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1993. p. 83.

NOTAS

- 1 SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle*, pp.36-38.
- 2 NUNES, Silvia Alexim. A mulher, o masoquismo e a feminilidade, pp. 227-248.
- 3 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil* pp. 171-173.

UNITERMOS

Corpo; educação física; mulher.

**Silvana Vilodre Goellner é professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.*